

O racionalismo-místico: a herança de António Sérgio no pensamento de Agostinho da Silva

Romana Valente Pinho*

“(...) deve-lhes dar o hábito e o amor do pensamento, desenvolver o que neles há de verdadeiramente humano; deve acostamá-los a chegarem sempre ao fim dos seus raciocínios, a não se cansarem e desistirem a meio; deve levá-los a que tenham as ideias como guias de vida; todo o homem que pensa e se obedece é caminheiro da estrada da verdade, venha donde vier, venha por onde vier. (...) Pensar é viver: ao pensamento perfeito corresponde a perfeita vida.”
(Agostinho da Silva, *Pólicles*)

George Agostinho Baptista da Silva (1906-†1994) cruza-se com António Sérgio nos bastidores da *Seara Nova*, no entanto, é só em Paris (quando Agostinho aí se encontra com uma Bolsa de Estudos – 1931/1933) que estreitam relações. Uns anos depois, em Madrid¹(1935/1936), encetam uma relação intelectual e amistosa que se revelará intensa para os dois autores.

De Agostinho poder-se-á dizer que é, ao mesmo tempo, um admirador e um crítico pertinente de António Sérgio. Um admirador porque foi por meio de Sérgio que se licenciou pela segunda vez² (licenciatura em liberdade, em democracia, em clareza e racionalismo), crítico porque, embora notando as qualidades do ensaísta, não se abstém de apontar os aspectos que considera menores na sua postura intelectual e vivencial.³

De Sérgio dir-se-á, de igual modo, que é um admirador⁴ e um crítico de Agostinho da Silva. Admirador porque lhe reconhece o espírito sagaz, o

* Mestre e doutoranda em Filosofia pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Membro do Projecto “Agostinho da Silva, Estudo do Espólio” (Fundação para a Ciência e a Tecnologia, Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa e Associação Agostinho da Silva). Sobre Agostinho da Silva, publicou os livros *Essencial sobre Agostinho da Silva*. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2006, e *Religião e Metafísica no Pensar de Agostinho da Silva*. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2006. Co-organizou com Amon Pinho Davi e Renato Epifânio o *In Memoriam de Agostinho da Silva* (2006) e fixou e transcreveu, juntamente com Amon Pinho Davi, a obra inédita de Agostinho da Silva *Caderno de Lembranças* (2006).

sentido de iniciativa, o desejo de justiça e liberdade, o combate pela erradicação da desigualdade social e cultural; crítico porque lhe aponta as suas insuficiências intelectuais.

Ainda que Agostinho da Silva enfatize as qualidades de António Sérgio como racionalista, matemático,⁵ pedagogo⁶ e até como homem de grande carácter, tinha plena consciência de que o seu mestre sofria de alguma inaptidão para colocar em prática as suas ideias políticas, sociais, económicas e educativas,⁷ que não ousava levar adiante as suas posições filosóficas (preferia manter-se na certeza⁸ ou, se preferirmos, na dúvida⁹ incessantemente metódica), que não habitava no mundo real¹⁰ e que não entendia Portugal tal como ele era. Sonhava com um Portugal helénico.¹¹ Até na apologia da democracia, Sérgio não conseguia, segundo Agostinho, passar de uma democracia platonizante. Todavia, definia-o como um político que defendia o socialismo liberal, que havia conceptualizado uma das maiores doutrinas que podem orientar a Economia e a Escola de uma sociedade – Cooperativismo. No fundo, Agostinho da Silva sentia-se ao lado de Sérgio: “Iniciou-se aí uma relação extremamente interessante, activada pela extraordinária e sempre vivíssima lucidez da inteligência do Sérgio e ainda por alguma coincidência das nossas preocupações, como a situação política ou assuntos científicos (...)”¹²

O nosso autor aprendera com Sérgio a dar valor ao pragmatismo, afinal, fora ele que o aconselhara a optar pela vertente prática da vida em detrimento da Filosofia.¹³ Agostinho da Silva, por mais que critique o autor de *Ensaio* relativamente à sua inaptidão para a praticidade e para o acento demasiadamente idealista que caracteriza a sua personalidade e a sua obra, reconhece que Sérgio apontou um caminho, ainda que ténue e disfarçado, para lá do puro racionalismo e do puro idealismo convencionais: por um lado através da conceitualização do sistema cooperativista¹⁴ que pode ser adoptado, sem prejuízo material e pragmático, por qualquer sociedade; por outro através da defesa de um racionalismo puro¹⁵ que supõe, no nosso ponto de vista, a existência de um meta-racionalismo¹⁶ – trata-se, afinal, da noção de *Uno-Unificante* que o autor expôs (por vezes, timidamente) nos seus textos e do conceito de racionalismo místico.¹⁷ Nesta perspectiva, António Sérgio desloca-se do idealismo para o pragmatismo e do racionalismo para a metafísica.

Ora admirando-o, ora criticando-o, Agostinho da Silva não nega a influência que António Sérgio exerceu na sua formação intelectual e se, por vezes, somos tentados a afirmar que o autor luso-brasileiro se afastou demasiado dos pressupostos que escutou do seu mestre, entre as décadas de 30 e 40, em Paris, Madrid ou na Travessa do Moinho de Vento (Lisboa), por outro lado,

estamos conscientes de que essa aprendizagem não abandonou Agostinho tão facilmente como se possa pensar, muito pelo contrário, acompanhou-o até ao final do seu percurso biográfico e intelectual.

Um dos aspectos que Agostinho da Silva não compreende na proposta de António Sérgio é o utopismo¹⁸ em que se encerra, afinal, toda a sua doutrina. Agostinho não entende como é possível adulterar o *ser* e o *sentido* de Portugal. António Sérgio antevê um país pensante, técnico, dono do seu próprio destino. Na perspectiva agostiniana, também ela utopista, é certo, Portugal dever-se-á guiar pelo *ser* e não pelo *dever-ser*. A meta de Portugal, na sua visão, constituir-se-á ontológica e metafísica. Contrariamente, no espírito de Sérgio, ela situar-se-á exclusivamente no âmbito do purismo racional e moral, embora esta linearidade sergiana seja contestável, na medida em que ele deixa em latência a possibilidade de uma outra proposta: a concepção de uma Razão Pura que se revela no Acto-Humano. Quando se eleva do mundo biológico e *cousista*,¹⁹ o Homem descobre a sua Razão Pura, ou seja, o seu Eu-Espiritual que unifica tudo quanto existe. Se usarmos a metáfora sergista da ascese humana ou da evolução cognitiva (a ascensão do eu-biológico para o eu-espiritual), poder-se-á dizer que, de um ponto de vista socioeconómico, o esforço de Sérgio se prende com a transposição da mediocridade mental em que Portugal está mergulhado para um estádio mais elevado.

Na obra de Agostinho da Silva faz-se a apologia de um Portugal medieval, pré-absolutista, pré-anti-reforma, mono-árquico,²⁰ enamorado pelo Mar e de costas voltado para a Europa além-pirenáica; no pensamento de Sérgio idealiza-se um Portugal cartesiano e espinosista, aliado da França e da Inglaterra e indiferente ao Atlântico. As utopias dos dois são semelhantes, porém, avistam-se de ângulos opostos. Afinal de contas, têm a mesma preocupação face ao destino²¹ ou futuro de Portugal: o desenvolvimento social, político, cultural, científico e pedagógico do país, logo, naturalmente espiritual. Sérgio preconiza um *Portugal pensante*, Agostinho um *Portugal paraclético*, livre, portanto, de quaisquer amarras.

George Agostinho da Silva, como a maior parte dos discípulos de António Sérgio, não poupa o ensaísta português do seu polemismo, do seu inconformismo face ao modo de ser português (ansiava por um Portugal metodicamente europeu), do seu olhar arrogante a todos quantos de si divergiam. Ainda assim, e parafraseando Eduardo Lourenço,²² temos consciência de que poucos terão compreendido seriamente António Sérgio, logo, poucos terão tido a capacidade de o confrontar. Até o próprio Agostinho está ciente da sua pequenez intelectual face à erudição de Sérgio.²³ Contudo, por mais que o nosso autor se

tenha desviado dos propósitos sergianos, por mais que tenha ultrapassado as teorias sociais e pedagógicas propostas pelo mentor de *Ensaaios*, por mais que tenha seguido os conselhos do seu mestre (preocupar-se com a *acção*), o que é certo é que há, em todo o percurso intelectual de Agostinho, uma dimensão teórico-prática que nunca deixou de se manifestar sergianamente.

As maiores afinidades que Agostinho da Silva sente em relação ao mestre António Sérgio prendem-se com as vertentes políticas, sociais e pedagógicas que defendia. Porém, o sistema filosófico do ensaísta também interessava ao jovem Agostinho. Recém-chegado de Madrid (ainda que lá também se encontrasse, de vez em quando, com Sérgio), onde tinha estudado os místicos espanhóis, o contacto com o homem dos *Ensaaios* insere-o num universo diferente, num plano diverso que contempla a *Razão* como fundamento da doutrina filosófica, mais próximo daquilo que inicialmente expunha na sua obra, quando se dedicava ao estudo dos clássicos. A admiração que Agostinho da Silva sente por Espinosa²⁴ talvez venha das tardes de sábado, em casa de Sérgio (este último um fervoroso espinosista). Se George Agostinho não é um racionalista no sentido mais puro, ele tenderá a rever-se num sistema filosófico que reúne a Razão e a Mística, chegando, por vezes, a afirmar até um primado da Razão: “Penso, como ser pensante, que nada existe senão o pensamento, o qual me pensa como ser pensante.”²⁵ Se esta acepção resulta da sua leitura de Espinosa, resultará, com certeza primeiro, dos ensinamentos de António Sérgio.

Quando em *Educação e Filosofia*,²⁶ escrito em 1920, António Sérgio sugere o primado da Razão, está, de igual forma, a propor a indissociabilidade da Filosofia e da Educação:

“Em meu juízo, a ideia de que dissocio educação e filosofia só pode ocorrer aos indivíduos, ou pouco atentos, ou que consideram esta última sob um aspecto demasiado abstracto, não na sua parte mais humana, onde a actividade filosófica – da mais viva origem e do mais largo interesse – implica com as necessidades sociais e é uma teoria da educação.”²⁷

Influenciado pela leitura dos textos platónicos, Sérgio concebe um sistema de educação muito próximo do exposto pelo filósofo grego, no qual a Filosofia deverá ser a norteadora de todo e qualquer processo pedagógico, ou seja, a Filosofia estará ao serviço da construção da cidadania, da ética, da sociedade, da educação, enfim, será a orientadora do Homem como ser universal. Nesta perspectiva, defender-se-á a existência de uma Sociedade Universal, de uma

República, de uma Sociedade Racional, da qual todos os homens farão parte desde que se deixem guiar pelos desígnios da Razão. Afinal, existe um único pensamento (que é comum a todos os homens) e uma mesma inteligência (da qual todos também participam). Mas António Sérgio corrobora ainda mais o pensamento socrático-platónico quando afirma que a instauração desta Sociedade depende do método filosófico utilizado pelos professores, no fundo, a renovação social estará a cargo do processo pedagógico implementado por moldes racionais. Compete aos docentes incentivarem os alunos à descoberta da sua própria racionalidade. Neste sentido, a Filosofia é uma maiêutica. A Sociedade formar-se-á através de alicerces filosóficos, logo pedagógicos. Visa-se, por meio da Filosofia e da Educação, formar uma sociedade consciente, racional e livre. A verdadeira comunidade será uma inter-relação racional.

No seu pensamento, Agostinho da Silva não menospreza a tendência racionalista de António Sérgio, quer ela se aplique à filosofia, quer à educação, aliás, esta dimensão grega estava já em flagrância no seu pensar, antes do contacto com o homem dos *Ensaio*s:

“Todo o sentido dos mistérios órficos está na libertação dessa centelha divina que faz parte da nossa alma, que nos leva à compreensão da Beleza e que tão duramente contende com a natureza titânica que vem das forças brutas dominadas por Zeus. Se essa libertação depende do sentimento, depende muito também da inteligência: foi Palas, deusa da Abstracção, quem salvou o coração de Dioniso; os números pitagóricos serão expressão perfeita da libertação órfica.”²⁸

Ao fim e ao cabo, Agostinho é um pensador que não descarta a Razão, ainda que a ela não se prenda inteiramente. Se Sérgio se amarra ao mastro do *navio racional* com medo de ser tentado por outras pendências, Agostinho não tem receio do *canto das sereias*. Nesta perspectiva, o nosso autor tanto é um racionalista-místico (como se auto-intitula em *Pensamento à solta*), como é um adepto do racionalismo livre.

Se Agostinho da Silva, motivado por António Sérgio, regressa à apologia de um racionalismo orientador da conduta humana, também se confronta com os apelos da democracia que, mais tarde, vão ser reforçados pelo contacto com Jaime Cortesão. Assim, em Paris, Madrid ou nos sábados à tarde, na Travessa do Moinho de Vento, Agostinho ouvia constantemente aludir a “(...) manda que soltemos o nosso rumo por uma definição da Democracia, a qual supomos poderá ser esta: o regime dos negócios públicos fiscalizados

pela opinião pública, e que tende a criar, por isso mesmo, iguais condições de dignidade para todas as pessoas.”²⁹ Princípios que, afinal, iam ao encontro daquilo que quase sempre defendeu quer na sua vida intelectual, quer nas atitudes de carácter mais prático.

Por volta de 1933, no início da Ditadura Salazarista, António Sérgio condena muitos dos males que afectam as sociedades não-democráticas (o caso da censura,³⁰ por exemplo), como já o havia feito também nos tempos da Ditadura Militar, e apela para a instauração do sistema democrático o mais breve possível: “Portanto, [creio que] basta esse teu argumento para demonstrar a necessidade da democracia – a de todas as teses da democracia.”³¹ Criticando, ao mesmo tempo, a religião católica por não ter sido fiel, em grande parte por culpa do sistema político, à democratização cristã (é curioso como, em 1942 e 1943, através da publicação de *O Cristianismo* e de *Doutrina Cristã* e da correspondência pública que surge como fruto dessas edições, Agostinho defende o mesmo do que António Sérgio)³²: “O verdadeiro religioso não pode ser senão democrata. Os corolários políticos do cristianismo estão logicamente na ala da esquerda; e se há católicos da direita, são-no por infidelidade ao Evangelho, por um imenso acto de jesuitismo... (...).”³³ Sérgio relaciona a democracia com a religião, chegando até a aludir a uma “mística democrática”: “(...) a Democracia, porém, tem o carácter de uma religião. A «mística democrática», como disseste já. E disseste bem. Se Deus é Espírito (como afirma o Cristo) é bem por Deus que combatemos nós.”³⁴ No entanto, para António Sérgio, a democracia assume-se essencialmente como fundamento político da sociedade nova (baseada no cooperativismo), que é, ao jeito de Marx, uma sociedade sem classes:

“Que é a Democracia? – É, sob o ponto de vista político, o regime em que são fiscalizados os governos pelos representantes da opinião pública, e em que os representantes da opinião pública votam as bases da legislação (sob um conjunto de garantias rigorosamente determinadas) buscando, por aqueles meios, a progressiva igualização de todos os membros da sociedade [, a aproximação da sociedade sem classes]”.³⁵

Por mais que Agostinho da Silva concorde com António Sérgio no que respeita à renovação nacional por meio da Educação ou da Escola, por mais que apoie o seu sistema cooperativista, por mais que se reveja no município-escolar, o que é facto é que o que mais importa é a análise agostiniana do racionalismo sergista que não pode ser compreendido sem estas mediações. Se, para Agostinho, o racionalismo de Sérgio não poderia ser aplicado, pelo menos nos

tempos de então (e o ensaísta tinha consciência disso), à vida portuguesa, de outro modo, o racionalismo é o condutor ideal da ciência, da educação e até da própria metafísica. No espírito do autor de *Ensaio*s, há lugar para um racionalismo metafísico (ou místico)³⁶ que explica o englobamento do homem como ser racional. O *encantado e misterioso* Uno-Unificante, sobre o qual tão pouco se sabe (talvez porque Sérgio, por vezes, tivesse receio de entrar nos meandros da metafísica),³⁷ poderá ser associado à Razão primacial, fundante e final. Na nossa perspectiva, esse *Uno-Unificante* é o *fundo*,³⁸ é o todo do qual as partes se formam e destacam, é a única coisa que, não se sabendo muito bem o que é, limita ou está acima da criação do intelecto.³⁹ Ou seja, é aquilo que de natureza mais divina existe no ser humano, é o eu-primário, o eu-puro, o eu-absoluto⁴⁰ que unifica e universaliza o que o eu-empírico/biológico apreende. Contudo, esse eu-originário é acção, é, porventura, o instante em que, no limiar entre o *eu* e o *não-eu*, acontece o auto e o hetero-reconhecimento. Nesse momento, através do Pensamento (que, na linguagem de Sérgio, é o próprio Absoluto), o homem universaliza-se, reconhece que é um ser em relação e também que é unidade. Nesse reconhecimento, o homem alcança o seu verdadeiro ser: “Tal uno-unificante é o verdadeiro ser.”⁴¹

A doutrina racionalista de Sérgio é, no nosso entender, uma aproximação ontológica⁴² e metafísica. Afinal, a que se refere Sérgio quando trata a Razão e o Pensamento como Absoluto? Quando apresenta o Acto do supremo pensar (transcensão do eu-empírico para o eu-puro/espiritual) como conhecimento do Ser e da Verdade?⁴³ Quando afirma que esse Acto é manifestação de Deus?⁴⁴ Não estará o autor, ao fim e ao cabo, a insinuar argumentos de cariz ontológico? Por mais que Sérgio tenha evitado a metafísica e a ontologia, o que é facto é que não lhes conseguiu escapar totalmente, por mais eufemista e tímido que se tenha manifestado ao longo da sua obra. A prova é que a sua concepção racionalista é matizada por aspectos onto-metafísicos. A Razão Pura é uma Razão Divina:

“Quem se desprende de si e sobe à altura do Espírito, isto é, ao pensar racional, não sensível, universal, objectivo, encarando-se a si, aos demais, ao Mundo, numa visão superior que a todos eles os irmana, (...): quando um homem consegue, vos ia eu explanado, remontar-se ao plano do verdadeiro Espírito, – quando logra fazê-lo, afinal, que acontece? Une-se então ao divino; vê-se aí coincidindo com os demais seres humanos que realizaram também a sua ascensão ao Espírito”⁴⁵.

O Homem é um princípio de unidade, uma centelha divina. Já que Deus não passa de Forma Pura, de Puro Inteligível, da Ideia (princípios dos quais todos os homens participam). E, embora António Sérgio não explique directamente este assunto, por meio de algumas metáforas é-nos possível ver a abordagem que o autor faz destas matérias. Assim, e através da simbologia do Menino Jesus, por exemplo, é possível antever, no seu pensar, uma ideia de Deus que se exprime como Força imanente do ser humano, tornando-o num ser racional, bom, belo, caridoso. E, curiosamente, tal como pensa também Agostinho da Silva, é através da contemplação do Menino(-Deus) que se toma consciência de que o ser humano não é mais do que um sopro divino, uma presença do sagrado na face da Terra:

“Deus – e não um deus, mas Deus - vê-se hoje na figura de um menino pobre, deitado e risonho sobre a palha humilde. (...) É um sopro de vida sobre um berço humilde, onde o bem das almas se concentra e jaz. (...) e digamos agora que este mundo triste só terá uns longes de esplendor divino quando a última nuvem da superstição se dissipar no cariz do alvorecer das almas, e admirarmos somente o que é Forma pura, amplíssima caridade, aspiração sem termo (...)”⁴⁶

Se a relevância dada à *acção* era um ponto de entendimento entre Agostinho da Silva e António Sérgio, talvez o *Uno-Unificante* o fosse ainda mais.⁴⁷

Notas

1 SÉRGIO, António. Carta de António Sérgio a Castelo Branco Chaves. Madrid, 13/01/1936. In: *revista da Biblioteca Nacional*, carta 13. S. 2, vol. 4, nº 2, Lisboa: Biblioteca Nacional, Jul.-Dez. 1989, p. 64: “O Agostinho deve partir de aqui no dia 20” e *idem*. Carta de António Sérgio a Castelo Branco Chaves, Madrid [?], 31/01/1936. In: *revista da Biblioteca Nacional*, carta 14. p. 65: “Chegou bem o Agostinho? Tem conversado com ele?”

2 SILVA, Agostinho da. Entrevista com Agostinho da Silva. *Filosofia*, nº 2, Dez. 1985 [In: _____. *Dispersos*. Organização de Paulo Borges, Lisboa: ICALP, 1989, p. 53]: “Por mim, posso dizer que a minha segunda Faculdade foram aquelas reuniões em casa do Sérgio.”

3 SILVA, Agostinho da. Conversas Inacabadas. Com Joaquim Furtado. In: *Grande Reportagem*, 7 a 13 de Dez. 1984; 14 a 20 Dez. 1984; 21 a 27 de Dez. 1984; 28 de Dez. a 3 Jan. 1985; 4 a 11 Jan. 1985. [In: _____. *Dispersos*, p. 37]: “O Sérgio nasceu em Damão. Pois encontrámo-nos centenas de vezes e olhe que nunca me falou da Índia! Não é que quisesse ocultar... não se lembrava! Tinha sido ajudante do pai enquanto governador-geral de Angola. Também nunca me falou de Angola! Esteve um tempo exilado ou alojado no Brasil. Pois só uma vez me falou do Brasil, dizendo que o calor daquela terra é insuportável!... Ora, talvez não seja a melhor maneira de definir o Brasil... (...) Significa que o Sérgio não tinha nenhuma vocação portuguesa e que em lugar de pensar uma História de Portugal adaptada ao português tal qual é, e não a um português ideal que ele achava que o português devia ser, lamentava que o português não fosse cartesiano, (...)”; “Não deixa de ser curioso que os melhores historia-

dores de Portugal – um Herculano, um Oliveira Martins, um Sérgio – tenham sido inimigos do mar e esquecidos de grande parte do Mundo e que, num País cuja história é sobretudo externa, tenham dado a maior atenção ao que por aqui se passava, às aventuras do resíduo, não às empresas do corpo.”

4 SÉRGIO, António. Carta de António Sérgio a Castelo Branco Chaves. Madrid, 1936. In: *revista da Biblioteca Nacional*, carta 15, p. 66: “Aparte o nosso admirável Agostinho, tenho a impressão de que a Faculdade de Letras do Porto tendeu a ser um tanque de criação de alforrecas.”

5 SILVA, Agostinho da. Agostinho, Ensine-nos. Entrevista a Lurdes Féria. In: *Diário de Lisboa*, 19 de Abril de 1986. [In: _____. *Dispersos*, p. 116]: “Um homem de inteligência clara, fortemente racionalista, apaixonado pela matemática, para a qual tinha jeito. Não procurava exercer qualquer espécie de influência... era um homem de grande carácter. Unia-nos o gosto de olhar as ideias e de as discutir.”

6 *Idem*, *Entrevista com Agostinho da Silva*, p. 55: “Mesmo como pedagogo, a sua atitude tendia a ser de grande arrogância intelectual.”

7 *Ibidem*, p. 54: “A incrível inabilidade de Sérgio para dar cunho prático às suas ideias políticas, sociais, pedagógicas, (...)”

8 *Ibidem*, p. 55: “Enfim, penso que o Sérgio não ousou afrontar os problemas filosóficos mais profundos, as questões de dúvida. Preferia manter-se nas certezas.”

9 LOURENÇO, Eduardo. Sérgio como mito cultural. In: _____. *O Labirinto da Saudade*. 2ª ed. Lisboa: Gradiva, 2001, pp. 160-161: “Não só Sérgio se dava pelo homem da dúvida, como incitava os outros a cultivá-la. (...) mas tão-só uma retórica da «dúvida» que deixa intacta a segura marcha do ensaísta. A dúvida de António Sérgio é a musa que o acompanha no passeio através do jardim alheio. A sua «dúvida» – de tradição cartesiana mas já recebida como «evidência», o que lhe retira o papel inquietante que tem no cartesianismo – cai fora do horizonte em que o seu discurso tem origem e lugar.”

10 SILVA, Agostinho da, *Entrevista com Agostinho da Silva*, p. 54: “Parece que os lugares concretos da sua vida não existiam para ele. Que onde habitava era no espaço vácuo das suas ideias.”

11 SÉRGIO, António. O Caprichismo Romântico na Obra do Sr. Junqueiro. In: _____. *Ensaio*. Tomo I, 3ª ed. Edição crítica de Castelo Branco Chaves, Vitorino Magalhães Godinho, Rui Grácio e Joel Serrão; org. Idalina Sá da Costa e Augusto Abelaira, Lisboa: Livraria Sá da Costa Editora, 1980, p. 368: “E a mim me perguntava, ante esse céu lusitano, porque se não casam os nossos dons de espírito com a graça radiosa do ambiente pátrio, como com o ar cristalino dos mares da Jónia a subtilidade sem par da mentalidade helénica (...)”

12 SILVA, Agostinho da, *Entrevista com Agostinho da Silva*, p. 53.

13 *Ibidem*, p. 56: “Quer dizer: tenho a impressão de que o Sérgio percebeu que naquelas andanças da filosofia eu não valia absolutamente nada, não passava de ruminações elementares, mas que era capaz de fazer coisas práticas. (...) Sérgio achava que eu, coisas práticas era capaz de as fazer, se a ocasião fosse a adequada; quanto às coisas teóricas, ele pensava por mim, e tínhamos o caso arrumado.”

14 *Idem*, *Barca D’Alva – Educação do Quinto Império*, Fascículo 2, Fundação António Conselheiro, p. 491: “(...) não temos receita alguma para os regimes jurídicos, mas vamos tanto pelas cooperativas que esta nossa secção se chamará simplesmente «António Sérgio»: cremos que está aí o ponto máximo e válido de sua acção doutrinal; (...)”

15 SÉRGIO, António. Prefácio da Segunda Edição. In: *Ensaio*, Tomo I, p. 43: “(...) as ideias para mim não são reflexos das coisas: são livres criações do intelecto humano, intelecto que concebo como radicalmente dinâmico, [radicalmente espontâneo] tomando a iniciativa das perguntas, a iniciativa das respostas: para mim, a própria percepção é uma criação do espírito; e a filosofia implícita nos meus escritos foi sempre uma filosofia da actividade pura (...)”

16 SILVA, Agostinho da, *Entrevista com Agostinho da Silva*, pp. 54-55: “Porque uma vez, falando-se de metafísica e devendo eu ter dito quatro ou cinco asneiras no capítulo, recordo-me que ele me objectou: não é bem assim, olhe que é possível, para além do racionalismo, entrar-se numa metafísica que se baseie no racionalismo.”

17 LOURENÇO, Eduardo, *op.cit.*, p. 163: “É que o racionalismo de Sérgio que, com mais razão ainda do que supunha, ele intitulou de místico (...)”

18 *Ibidem*, p. 169: “De algum modo o seu Reino foi o do *impossível* que ele soube apresentar como o possível, por essa passagem quase fatal que liga o *ser* ao *dever ser*. Sérgio foi um utopista.”

19 Esta expressão leonardina aplica-se ao tratamento que Sérgio faz do mundo biológico. Este refere-se, literalmente, àquele que Leonardo Coimbra intitula de *mundo coquista*. Contudo, aparte das analogias, não deixa de ser curioso como António Sérgio desconsidera a teoria do professor da Faculdade de Letras do Porto.

20 SILVA, Agostinho da; SOUSA, Antónia de. *O Império acabou. E agora?* – diálogos com Agostinho da Silva. 2ª ed. Lisboa: Editorial Notícias, 2000, p. 180: “É o regime em que um manda, mas há várias maneiras de mandar. Então a monarquia portuguesa na Idade Média, ao que me parece, era mono árquica, mas quem mandava propriamente não estava mandando, estava coordenando a vontade dos outros.”

21 LOURENÇO, Eduardo, *op. cit.*, p. 168: “As raízes do pensamento sergista não são da ordem filosófica, mas política e social. A filosofia coroa e justifica uma opção e uma visão mais radical, alicerçadas ambas numa certa ideia do destino português e, em particular, da evolução espiritual lusitana”; *vf.* SILVA, Agostinho da, *Entrevista com Agostinho da Silva*, p. 53.

22 LOURENÇO, Eduardo, *op. cit.*, p. 166: “Em suma, António Sérgio não teve verdadeiros contraditores ou, pelo menos, pensadores de paralela envergadura capazes de estruturar o seu propósito nos moldes aliciantes e convincentes de *Ensaaios*.”

23 SILVA, Agostinho da, *Entrevista com Agostinho da Silva*, p. 53: “Ele estava sempre a abrir novas avenidas, fossem os seus projectos revolucionários, fossem os projectos pedagógicos, fosse algum trabalho que andasse a fazer, (...)”; LOURENÇO, Eduardo, *op. cit.*, p.167: “Em si mesma, a filosofia de Sérgio nem é uma filosofia fácil, nem da facilidade.”

24 Pouco tempo depois, em 1940, no Caderno de Iniciação *História da Holanda*, Agostinho da Silva demonstra já ter tido contacto com a obra de Espinosa.

25 SILVA, Agostinho da. Pensamento à solta. *In:* _____. *Textos e Ensaios Filosóficos II*. Organização de Paulo Borges, Lisboa: Âncora Editora, 1999 p. 146.

26 SÉRGIO, António. Educação e Filosofia. *In:* _____. *Ensaaios*, Tomo I.

27 *Ibidem*, p.133.

28 SILVA, Agostinho da. *A Religião Grega*. Coimbra: Universidade de Coimbra, 1930 [*In:* _____. *Estudos sobre Cultura Clássica*. Organização de Paulo Borges, Lisboa: Âncora Editora, 2002, p. 186].

29 SÉRGIO, António. Da Opinião Pública e Da Competência em Democracia. *In:* *Ensaaios*, Tomo I, p. 232.

30 *Idem*. Diálogos de Doutrina Democrática. *In:* *Democracia* – Diálogos de Doutrina Democrática, Alocução aos Socialistas, Cartas do Terceiro Homem. Edição crítica de Castelo Branco Chaves, Vitorino Magalhães Godinho, Rui Grácio e Joel Serrão; org. Idalina Sá da Costa e Augusto Abelaira, Lisboa: Livraria Sá da Costa, 1974, p. 5: “Concordo que a censura é uma instituição defeituosa, injusta, por vezes, sujeita ao livre-arbítrio dos censores, às variantes do seu temperamento, às consequências do seu mau humor. (...) A censura também pode ser apaixonada, por ser humana, e significará sempre, para quem escreve, opressão e despotismo.”

31 *Ibidem*, p. 5.

32 SILVA, Agostinho da. *Carta ao Exm.º Sr. do “Aléo”*, 18/05/1943 (Arquivos da Associação Agostinho da Silva): “(...) para mim, os católicos não são adeptos de Cristo, são adeptos da Igreja; aquilo a que se chama cristianismo não é nada o cristianismo dos Evangelhos”; *idem*. *Carta ao Exm.º Sr. de “As Novidades”*, 22/04/1943 (Arquivos da Associação Agostinho da Silva): “(...) inegável deturpação que a Igreja Católica fez da doutrina de Cristo; (...)”; *idem*. *Carta ao Exm.º Sr. Professor Padre Raul Machado*, 2/05/1943 (Arquivos da Associação Agostinho da Silva): “(...) Igreja e Cristo contradizem-se, o catolicismo é um desvio completo de o cristianismo.”

- 33 SÉRGIO, António, *Diálogos de Doutrina Democrática*, p. 19.
- 34 *Ibidem*, p. 75.
- 35 *Idem*. Democracia. In *Democracia – Diálogos de Doutrina Democrática, Alocução aos Socialistas, Cartas do Terceiro Homem*, p. 87.
- 36 SILVA, Agostinho da. Fontes e Pontes do Futuro. Tema: Educadores portugueses – António Sérgio. *Vida Mundial*. Lisboa, 18/08/1972, p. 50: “(...) a que António Sérgio chamava de misticismo racionalista, (...)”
- 37 SÉRGIO, António. Um problema Anteriano, Diálogo na Praia. In: _____. *Notas sobre Antero, Cartas de Problemática e outros textos filosóficos*. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2001, p. 274: “Pergunto-me se não prolongas para regiões metafísicas o que foi simples análise de reflexão em mim. Mas estás acaso no direito de fazer como fazes. Não devo objectar.”
- 38 *Ibidem*, p. 272: “Só pela relação a percepção é possível, e um termo só existe pela relação com outro, – ou, antes, com o resto de um todo de que se destaca o termo, e que constitui o seu «fundo», – no sentido da palavra com que o pintor a emprega. (...) Tudo quanto existe está em relação com um «fundo», – com o restante de um todo de que forma parte; (...)”
- 39 *Ibidem*, pp. 272-273: “(...) alguma coisa, apesar de tudo, existe, que limita a liberdade das criações do intelecto: mas isso não faz parte da consciência nossa, como um dado absoluto que se nela insira.”
- 40 *Ibidem*, p. 275: “(...) Eu absoluto – ao princípio da unidade do nosso ser e do Mundo, da nossa pessoa e dos outros.”
- 41 *Ibidem*, p. 274.
- 42 Tendemos a concordar com os críticos que apontam neste sentido. Citamos, a título de exemplo, a defesa que António Pedro Mesquita faz acerca do ideário ontológico de Sérgio. V. MESQUITA, António Pedro. Aspectos do ideário sergiano em ontologia. In: SÉRGIO, António. *Notas sobre Antero, Cartas de Problemática e outros textos filosóficos*, pp. 9-55.
- 43 SÉRGIO, António. *Um problema Anteriano*, Diálogo na Praia, p. 283: “(...) no interior de nós é que se aposenta a verdade, o Acto-Deus que é o seu foco (...)”
- 44 *Ibidem*, p. 283: “(...) por isso mesmo que a verdade é uma criação de quem pensa, graças à espontaneidade radical inventiva, ao dinamismo gerador que caracteriza o intelecto, e em que Deus está presente.”
- 45 *Idem*. Perante a inexistência de uma Civilização Cristã. In: _____. *Notas sobre Antero, Cartas de Problemática e outros textos filosóficos*, p. 293.
- 46 *Idem*. Sobre Cristianismo e Cristãos, Verdadeiros e Falsos – 8. Diante de um presépio. In: _____. *Ensaaios*. Tomo VI, Edição crítica de Castelo Branco Chaves, Vitorino Magalhães Godinho, Rui Grácio e Joel Serrão; org. Idalina Sá da Costa e Augusto Abelaira, Lisboa: Livraria Sá da Costa, 1971, p. 212.
- 47 Não deixa de ser curioso o facto de Sérgio dedicar precisamente a Agostinho da Silva um dos textos em que mais desenvolve este tema (*Um problema anteriano*).

Resumo

Um dos principais pontos do pensamento metafísico de Agostinho da Silva é o racionalismo-místico. Na sua obra, tal categoria surge como herança do interesse pelos místicos espanhóis (sobretudo por Santa Teresa de Ávila e por São João da Cruz) e pela filosofia de António Sérgio. Contudo, é esta última que interpela Agostinho da Silva a postular um princípio gnosiológico que se caracteriza, simultaneamente, por aspectos de racionalidade

e de misticismo. Em último caso, é um ponto de extra-racionalidade e de extra-emotividade que dialoga com o conceito de *Uno-Unificante* de António Sérgio.

Palavras-chave: Agostinho da Silva; António Sérgio; Gnosiologia/Epistemologia; Racionalismo-místico; *Uno-Unificante*.

Abstract

One of the main points of Agostinho da Silva's metaphysics is mystic-rationalism. In his work, this category is a legacy of the Spanish mystics (mainly Saint Teresa of Ávila and Saint John of the Cross) and of António Sérgio's philosophy. However, it is the latter that prompts Agostinho da Silva to postulate a gnosiologic principle which is characterized, at the same time, by rationality and mysticism. This topic is ultimately a type of extra-rationality and extra-emotionality which dialogues with the concept of *Uno-Unificante* by António Sérgio.

Keywords: Agostinho da Silva; António Sérgio; Gnosiology/Epistemology; Mystic-Rationalism; *Uno-Unificante*.



Agostinho da Silva, em sua mesa de trabalho, no Centro de Estudos Afro-Orientais. Salvador, Bahia, entre 1959 e 1961.

Foto, ao que tudo indica, tirada pelo artista plástico Lénio Braga, para que lhe servisse de modelo na realização do retrato a óleo de Agostinho da Silva que ainda hoje se encontra na sede do Centro de Estudos Afro-Orientais (CEAO) da Universidade da Bahia, do qual Agostinho da Silva foi Fundador e primeiro Diretor.